

Koury, Mauro Guilherme Pinheiro. Sobre o trabalho de campo e as aproximações teórico-metodológicas que nortearam uma pesquisa etnográfica sobre uma rua de um bairro popular da cidade de João Pessoa, Paraíba, Brasil. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 18, n. 52, p. 49-64, abril de 2019 ISSN 1676 8965.

ARTIGO

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>

Sobre o trabalho de campo e as aproximações teórico-metodológicas que nortearam uma pesquisa etnográfica sobre uma rua de um bairro popular da cidade de João Pessoa, Paraíba, Brasil

On the field work and the theoretical-methodological approaches that guided an ethnographic research on a street in a popular neighborhood in the city of João Pessoa, Paraíba, Brazil

Mauro Guilherme Pinheiro Koury

Recebido: 20.01.2019

Aceito: 30.01.2019

Resumo: Este artigo apresenta uma discussão sobre o trabalho de campo e as aproximações teórico-metodológicas que nortearam uma pesquisa etnográfica sobre uma rua de um bairro popular da cidade de João Pessoa, capital da Paraíba, Brasil, produto de ocupação de um pedaço de mata por grupo de homens e mulheres nos anos de 1940 e de um evento trágico na primeira década dos anos 2000. O trabalho de campo perscrutou, através da antropologia das emoções e da moralidade, o processo longo de afirmação de um sentimento de fraternidade e pertencimento à rua pelos seus moradores, e ao mesmo tempo, como a situação trágica de um assassinato entre amigos e sua respectiva apropriação moral transmutaram as relações sociais e individuais dos moradores, enquanto aspecto singular e extraordinário da vida cotidiana. **Palavras-chave:** trabalho de campo, cultura emotiva e moralidade, público e arenas públicas, trajetórias individuais e coletivas, medos corriqueiros

Abstract: This article presents a discussion about the field work and the theoretical and methodological approaches that guided an ethnographic research on a street in a popular neighborhood in the city of João Pessoa, capital of Paraíba, Brazil, product of occupation of a piece of forest by a group of men and women in the 1940s, and a tragic event in the first decade of the 2000s. Fieldwork examined through the anthropology of emotions and morality the long process of affirming a feeling of brotherhood and belonging to the street by their residents, and at the same time how the tragic situation of a murder among friends and their respective moral appropriation transmuted the social and individual relations of the residents as a singular and extraordinary aspect of daily life. **Keywords:** field work, emotional culture and morality, public and public arenas, individual and collective trajectories, common fears

Este artigo apresenta uma discussão sobre o trabalho de campo e as aproximações teórico-metodológicas que nortearam uma pesquisa etnográfica sobre uma rua de um bairro popular da cidade de João Pessoa, capital da Paraíba, produto de ocupação de um pedaço de mata por grupo de homens e mulheres nos anos de 1940. A rua, resultado desta ocupação, é o produto de uma longa trajetória de lutas para o

estabelecimento na cidade e de conservação e para a manutenção do espaço conquistado. Processo que gerou um forte sentimento de pertença nos moradores e um vínculo forte de amizade que eles chamam de *comunidade de afetos* (Koury, 2018).

A ida a campo para o desenvolvimento desta pesquisa aconteceu em três momentos. O *primeiro* se deu entre os anos 2000 a 2005. Neste primeiro momento o material levantado esteve mais direcionado a preocupações sobre a cidade de João Pessoa como um todo, e serviu a pesquisa guarda-chuva em desenvolvimento no GREM¹ intitulada, *Medos Corriqueiros: A construção social da semelhança e da dessemelhança entre os habitantes urbanos das cidades brasileiras na contemporaneidade*² (Koury, 2000; Barbosa, 2014), como suporte para a compreensão dos medos cotidianos na cidade. Os medos corriqueiros foram entendidos, no projeto guarda-chuva de então³, como estratégias utilizadas para aproximações ou afastamentos de situações, pessoas e coisas na sociabilidade vivida e em processo contínuo de construção, experimentados nos lugares e espaços interacionais dos moradores da cidade de João Pessoa em seu todo. (Koury, 2008).

Os dados levantados nesse primeiro momento objetivaram, posteriormente, um novo problema de pesquisa, que forma ao *segundo* momento de estada em campo, entre os anos de 2007 a 2012. Para esta nova entrada em campo foi elaborado um subprojeto, junto ao projeto guarda-chuva *MC*, intitulado *Morte entre amigos*⁴.

Esse novo problema de pesquisa que me fez retornar à rua anteriormente trabalhada e procurou acompanhar o luto e a dor de duas famílias amigas e de longa trajetória em comum, enlutadas por um assassinato envolvendo dois rapazes filhos de cada uma das famílias, um agora morto e o outro preso como assassino. A nova estada em campo teve, assim, o intuito de compreender, de um lado, os formatos morais e os custos emocionais havidos, e como foram vividos e refletidos por cada família enquanto superação e fortalecimento de uma amizade de décadas. De outro lado, entender os hiatos que vez ou outra se tornavam prenhes de pequenos silêncios, entre as duas famílias amigas, ameaçadores da continuidade das relações entre elas. O interesse da pesquisa, nesse segundo momento, destarte, era o descortinar a teia sobre o qual se montava a relação densa de amizade em um momento trágico e na situação limite (Jaspers, 1974) por elas experimentadas, isto é, como as duas famílias, nesse ambiente tenso, se situavam enquanto busca de conservação de laços de amizade e a experiência da tragédia de ter um filho morto e assassinado pelo filho da outra família; e como esses vínculos eram trabalhados no cotidiano renovar-se, tenso, do fazer comum entre estas famílias.

Nesse novo adentrar na rua e na vida de duas famílias, a partir de uma situação limite ou do momento trágico por elas vivido, o pesquisador se deparou com a necessidade de aprofundar a trajetória das duas famílias enlutadas, e de cada uma delas, desde a vinda do interior do estado da Paraíba até a ocupação de um pedaço de mata na cidade de João Pessoa, no ano de 1945. Penetrou-se, assim, na conformação familiar e no estreitamento de laços entre elas, com a chegada dos filhos e das lutas pela

¹ Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções/PPGA/DCS/UFPB.

² De agora em diante *MC*.

³ E nortearam todos os subprojetos *MC* subsequentes.

⁴ Este subprojeto teve o seu desenrolar após eu ter sido abordado por um antigo interlocutor que me comunicou o assassinato de um rapaz da rua pesquisada no primeiro momento da pesquisa guarda-chuva *MC* pelo seu melhor amigo; ambos vizinhos e moradores junto aos seus pais na rua desde o nascimento. Eu os conhecia e já os tinha entrevistado e acompanhado suas trajetórias, bem como a dos seus familiares na primeira estada em campo.

manutenção do espaço ocupado e conquistado, junto com outras famílias, conformando a ocupação em um local permanente de moradia e pertencimento.

O segundo momento da pesquisa, deste modo, teve como foco, de um lado, compreender a história natural⁵ dos laços de amizade entre as duas famílias em termos de uma história longa da trajetória de cada família, até o assassinato de um dos filhos pelo outro, amigo e filho da outra família amiga. De outro lado, adentrar na dor pessoal de cada membro das duas famílias, a partir do assassinato de um dos filhos pelo outro relacional por motivo banal⁶, e nos novos ordenamentos morais e emocionais havidos entre estas duas famílias para continuarem unidas após o ato trágico que as abalou (Koury; Barbosa, 2016; 2017).

O terceiro momento da pesquisa⁷, entre o final do ano de 2016 até início de 2018 se deu a partir de uma releitura dos resultados dos dois momentos anteriores do projeto-guarda-chuva *MC*, acima comentados⁸. Esta releitura descentralizou o olhar do pesquisador das duas famílias amigas que sofreram o impacto do assassinato de um filho pelo outro, para o conjunto da rua onde moravam. Teve por objetivo compreender como o impacto causado pelo assassinato foi percebido pelos moradores da rua e como eles tentaram justificar e explicar o trágico acontecimento⁹.

⁵ Por *história natural* se entende aqui a trajetória retrospectiva de desenvolvimento e maturação de um acontecimento, na sequência de seus fatos e ações, ou em sua carreira moral, como um evento socialmente situado, quando narrado ou quando buscado ser explicado ou compreendido pelos personagens que o acompanharam de modo direto ou indireto até o evento, no caso aqui, evento trágico: o assassinato de um amigo por outro. Assim como, nas ações projetivas e construções de cenários sobre o futuro após o evento (Park, 2017; Katz, 2017).

⁶ O amigo é morto pelo outro amigo enquanto tentava consolá-lo pelo abandono da noiva do assassino que havia retornado para um antigo namorado.

⁷ Cabe ressaltar, com tristeza, que os moradores da rua trabalhada, nos três momentos da pesquisa, já não moram mais no lugar. Em 2018 terminaram cedendo à especulação imobiliária local e se encontram espalhados por vários bairros populares da cidade de João Pessoa. Já bem idosos muitos já morreram e outros se encontram em idade avançada e adoentados. Os sobreviventes continuam, porém, - mesmo morando distante um dos outros, com ligeiras exceções, - a se verem ou se falarem, e a manter viva nas trocas eventuais, e em suas memórias pessoais, a experiência coletiva da comunidade de afetos por eles construída, os elos de confiança envolvidos e suas tensões. Deste modo, o meu trabalho durante a terceira ida a campo foi o de, ao lado de aprofundar as questões sugeridas nos objetivos gerais e específicos da pesquisa, reencontrar cada um dos casais, personagens singulares de uma trajetória de vida comum, em seus novos endereços, e conversar sobre essa convivência harmoniosa e ao mesmo tempo tensa experimentada na longa vivência como moradores da rua. Mas, também, foi a de mergulhar não apenas nos personagens-fundadores do lugar e da comunidade de afetos nele gerada, mas, também, igualmente, chegar até os filhos, genros e noras, netos e bisnetos, que formaram as gerações posteriores da rua, e compreender como vivenciaram esta comunidade de afetos dos pais, e como viveram o dia-a-dia do crescer na rua e dos embates e tensões experimentados.

⁸ O terceiro momento de campo, deste modo, faz parte do mosaico científico organizado pelo projeto guarda-chuva *MC*. Foi através do projeto *MC* que se deram as minhas duas primeiras aproximações com os personagens principais da trama que serviu de universo de observação do coletivo da rua trabalhada, na terceira entrada em campo aqui narrada.

⁹ Durante o trabalho de campo no terceiro momento da pesquisa, e da releitura dos vários volumes anteriores das duas primeiras estadas em campo, adentrei em um emaranhado de informações dos moradores sobre o episódio, visto por eles não como um ato de instante, mas como um processo. Um processo acompanhado pelos moradores de uma relação tensa e insegura de um rapaz em crise amorosa, que o levou aos poucos à baixa estima e a atitudes de “desrespeito” e “agressividade” com “todos” da rua. Nessa terceira estada em campo, deste modo, busquei aprofundar e compreender os diversos relatos dos moradores sobre o episódio que levou ao assassinato entre amigos, e fazer uma interseção com o processo constitutivo da comunidade de afetos entre os moradores da rua, e como esta última se sentiu ameaçada pelo processo que redundou no assassinato, e as atitudes dos moradores da rua frente a ele, de um lado, e a conservação do espírito comunitário, enquanto comunidade de cuidados de uns com os outros, de outro lado. Ver a análise desde terceiro momento de pesquisa em Koury (2018).

Este retornar aos depoimentos e notas dos diários de campo me levou a ampliar os meus horizontes compreensivos, antes restritos às duas famílias, me dirigindo agora para a rua em questão e seus moradores. Boltanski (1990, p. 105 a 118) e Boltanski e Thévenot (1991, p. 82) entendem as situações críticas como situações problemáticas nas quais os acordos implícitos que movimentam a normalidade normativa de um lugar são sentidos como ameaçados. São sentidos como ameaças no momento em que processos considerados como provocadores de possíveis desordens vêm à tona e como tais desordens são percebidas pelos relacionais deste lugar, que buscam acompanhar, projetar suas consequências e tentar garantir o retorno à normalidade ou a justificativas que levaram à situação e às implicações prováveis sobre ela.

Fez-me adentrar assim mais uma vez na rua trabalhada nos dois momentos anteriores da pesquisa *MC*, agora como universo de pesquisa, e buscar entender o sentido público de um acontecimento aparentemente privado: como uma rua acompanhou, sentiu, reagiu e se exprimiu sobre um assassinato entre amigos e moradores. Fez-me partir para tal de uma concepção ampla de público, e das diversas arenas morais que se conformaram em seu interior e como elas interagiram no sentido de preservação ou questionamentos nas diversas situações sociais armadas e vividas pelos moradores do lugar.

O cenário onde se desenrolou esta nova entrada em campo tem a sua constituição simbolicamente situada e vivida como uma comunidade de afetos. Comunidade de afetos autodenominada e que teve a sua origem, de acordo com os moradores, no momento da ocupação e construção da rua e nas relações afetivo-comportamentais arquitetadas por seus membros e vividas desde então.

Comunidade de afetos esta que constitui um ethos e conforma uma cultura emotiva¹⁰ densa que molda um sentimento de pertença e um código de moralidade hegemônico, às vezes tenso, ao lugar. Da mesma forma que institui a personalidade reinante dessa composição e as diversas tensões abertas, ou insinuadas, a cada situação problemática acontecida em seu interior e as arenas que se formam para o debate público local dessas questões.

Neste sentido, para compreender o complexo processo de composição da rua trabalhada, se elasticou aqui a concepção de arena pública. O que permitiu ao pesquisador observar o conceito não apenas para os elementos macros que compõem o jogo entre Estado e público, mas também entre a cultura emotiva e moralidades em espaços micros, como o da rua trabalhada, e a dinâmica processual que se estabelece quando situações críticas emergem no seu interior, permitindo visões projetivas sobre o seu desenvolvimento e finalização (Schütz, 2012).

O que me fez, assim, adentrar nos vínculos sociais conformados na configuração moral-afetiva da rua, a partir do processo de ocupação, luta por permanência e manutenção de um espaço de vida de cada um, morador, e de cada família nela presente, no aparecimento dos filhos, e na lógica de pertencimento local como um jogo de relações solidárias, mas, sempre tensas. Me fez chegar a perceber o estreitamento dos vínculos sociais solidários e a experiência de partilha do pouco, - sempre visto como “muito”, em vários depoimentos, - que cada um possuía.

¹⁰ Por *cultura emotiva* se entende aqui as emoções no jogo situacional e a sua condução na prática comum da troca relacional, em que parceiros convivem e partilham concepções sobre o mundo comum em cena situada. A cultura emotiva, embora recheada de sentidos morais de pertencimento, tensiona permanentemente à lógica da moralidade instituída em cada processo de negociação advindo no e do jogo situacional em que indivíduos sociais interagem (Koury, 2017, p. 11).

Permitiu-me ainda perceber nessa troca a configuração de uma rede interacional cotidiana, que comporta uma vivência comum e amiga aos membros dessa comunidade e, ao mesmo tempo, a procura de respeitar o espaço do outro e de cada um. Esta última nem sempre possível e, muitas vezes, atropelada pelas situações cotidianas que emergem e fazem os moradores tomar posições.

Fez-me apreender também, como forma de problematização, sobre a sedimentação intersubjetiva que conforma esta comunidade de afetos. Berger e Luckmann (1985, p. 95) afirmam que acontece uma sedimentação intersubjetiva quando vários indivíduos participam de uma biografia comum, como no caso desses homens e mulheres que se encontraram por acaso e juntos construíram uma comunidade de afetos ao partilharem uma mesma trajetória de luta, resistência e manutenção de permanência e integração na cidade de João Pessoa, aonde chegaram expulsos do campo e com o medo do que aconteceria com eles dali por diante.

Juntos, na história natural de suas trajetórias em comum, elaboraram uma cultura emotiva de pertencimento, através da construção da rua e sua manutenção, organizando um código afetivo e moral que os permitiu sobreviverem unidos. Além de uma ética comum para enfrentar a cidade e, vinculados e fortemente conectados, encararem a si próprios, enquanto coletivo.

De acordo com os dados registrados nos diversos livros que compõe o diário de campo, e em situações específicas dos depoimentos dos moradores da rua, nos três tempos em que se desenvolveu este meu novo olhar e minha nova entrada em campo, tudo o que se passava nesta rua, em suas diversas situações era, de uma forma ou de outra, vivido por todos intensamente. Muito embora, esse compartilhar, inúmeras vezes, criasse situações de engolfamento (Scheff, 1990) nas relações sociais entre os moradores desta pequena rua.

Deste modo, mesmo quando o silêncio se dava transversalmente entre os demais membros da comunidade, em relação a um determinado problema que um dos vizinhos passava, muitos entrevistados relataram em seus depoimentos que, se por acaso esse problema não fosse repassado, pelas pessoas em conflito, ao grupo, isso não queria dizer que todos não soubessem e nem comentassem o caso. Para tal, arenas eram criadas, prognósticos eram feitos, busca de aproximações afetivas e de desafetos eram montadas, e procuras de solução exigidas, e, em alguns casos, formalizadas. Muito embora evitassem uma forma direta de aproximação, ou um confronto direto, com o vizinho que passava pela situação e que recusasse a ouvi-los ou fizessem vista grossa aos seus ditames, e se sentissem magoados por estarem sendo colocados à margem da questão.

Este terceiro momento envolveu várias temporalidades da imersão do pesquisador, e diversas temporalidades vividas pelos moradores da rua trabalhada. Foi sobre este jogo cotidiano de experiências e de temporalidades distintas, complementares ou específicas, que envolveu a rua em uma história natural de conformação de uma comunidade de afetos, e seus enfrentamentos e tensões, que esta nova fase da pesquisa se debruçou. Ela emergiu como uma espécie de mosaico composto pelas narrativas dos entrevistados, e recheado pelas situações densas e tensas cotidianas de uma rua imersa em relações de intensa pessoalidade.

Mosaico que moldava e se adentrava nessa composição de afetos, solidariedade, enfrentamentos, receios, esperanças e pertencimento. Situações cotidianas que ampliavam o olhar do pesquisador para a margem de solidariedade entre os moradores, e expandiam o seu interesse para as articulações dessa trama solidária e afetiva, de uma história em comum, - mas também individualizada, - em uma série de tonalidades, onde a ambivalência criava a escala de tons, - desde mágoas, pequenos conflitos, desajustes e

crises, e que colocavam a comunidade e seus participantes em prova a todo instante, ao mesmo tempo, porém, de ajuda ao outro, do sentimento de pertença ao local, e de afetos. Ambivalência que causava tensões e formas de prosseguir, levando o olhar do pesquisador para a busca de entendimento da rede de amizades local, em uma comunidade de afetos, e em uma cultura emotiva dela e por ela montada, e os processos morais que a cristalizava e a colocava, simultaneamente, em constante negociação e tensão entre as formas cristalizadas de uma moralidade e as experiências densas de disputas no seu interior.

Na rua trabalhada os cuidados de uns com os outros era impelido por uma rede intensa de compartilhamentos, ao mesmo tempo em que a preocupação com a questão da intimidade familiar e as demandas do até onde se pode chegar ao outro, era também uma constante. Apesar dessa preocupação com a intimidade do outro, a relação entre os moradores sempre foi de intensa pessoalidade. O que provocava ambivalência de sentimentos e produzia uma discreta e, às vezes, densa tensão, gerando mágoas pela não informação por um vizinho dos seus problemas aos demais, ou pelos “ouvidos moucos” aos conselhos dos demais. Isso se dava, principalmente, e de forma especial, entre os da primeira geração de moradores, e construtores da trajetória de lutas, afetos e compartilhamento desde 1945.

O pano de fundo que norteou o terceiro momento de pesquisa, desse modo, foi o de uma abordagem interacionista vinculada à antropologia das emoções. Satisfez um subprojeto no seu interior sobre o problema da pessoalidade, formas de evitação e estratégias de manutenção e preservação da face ou fachada (Goffman, 1980), entre moradores da rua trabalhada.

*

O projeto guarda-chuva *MC* tem por objetivo, desde o seu início, no ano 2000, a análise da construção social dos medos corriqueiros na percepção e representações dos habitantes urbanos na contemporaneidade brasileira. Os medos corriqueiros são vistos nele como significativos para o entendimento da configuração das formas de sociabilidade e da organização do social em situações experimentadas na dinâmica cotidiana dos moradores de um determinado local em processo de interação entre si.

Os medos corriqueiros são vistos nele como possuindo um caráter dual. De uma parte, podem ser vistos como o elemento que fomenta os estigmas e o estranhamento do outro, causando repulsa, nojo, exclusão, individualização e hierarquização grupal e individual. Mas, também, de outra parte, podem ser sentidos como um ou vários elementos de aspecto aventureiro e inovador, lançando formas de aproximação, de solidariedade e afetos, baseadas em laços de amizade, pessoalidade, semelhança e segredo (Koury, 2002).

Os medos corriqueiros são entendidos, então, enquanto emoções. Como processos emotivos fundamentais para a elaboração do cotidiano interacional entre os homens podendo paralisar, aprimorar ou transformar as trocas materiais e simbólicas dos indivíduos e grupos no processo de interação social. O projeto guarda-chuva *MC* acomoda, deste modo, um olhar específico sobre o processo interacional em situações sociais do encontro entre agentes individuais ou coletivos, a partir da perspectiva dos medos em situações cotidianas.

Situações sociais estas sentidas pelo olhar do pesquisador nunca como um todo estruturado, mas como um conjunto de partes que vão se juntando, arranjando e oferecendo uma composição específica e sempre móvel do processo interacional

vivenciado. Composição esta sentida metodologicamente como um processo articulado de lugares formados pelas diversas situações experimentadas por pessoas em situações¹¹ interativas, quer como atores ou agentes sociais em ação sobre um determinado problema surgido na própria situação proporcionada pelo encontro interacional, quer como resposta a atos de fora do cotidiano vivido e que tornam possíveis situações acionais em torno de respostas, justificativas, acusações e desculpas, pessoais ou coletivas a tais atos.

Compreende, portanto, a troca interacional como um jogo sistemático de situações onde se realizam encontros e desencontros entre os seus indivíduos, quer a partir de ensejos pessoais, quer na conformação de públicos singulares. A noção de público segue, nesta ocasião, de uma forma aberta, a definição proposta por Gusfield (2014, p. 287) que o “distingue do que é privado por sua capacidade de ser observado¹²” e pela demonstração de um interesse público, isto é, a um interesse comum a indivíduos, grupos ou coletividades maiores em relação.

Por público, a partir de John Dewey, Cefaï (2014, p. 22) entende

o conjunto de pessoas, organizações e instituições diretamente afetadas pela percepção compartilhada de consequências indesejáveis de uma situação problemática em que se envolvem para buscar elucidá-la ou resolvê-la¹³.

A noção de público, destarte, é vivida como um drama compartilhado. Como uma situação que requer uma encenação ou desempenho de um ou vários públicos em relação a um determinado objeto ou interesse manifesto, em forma de denúncia, em forma de desejo, em forma de controle, em forma de autonomia, em forma de ajuda e solidariedade, em forma de compartilhamento, ou de estigma e exclusão.

O processo interacional, assim, na pesquisa, foi buscado ser entendido e captado em sua polifonia e em sua dinâmica processual tensa, conflitual e sempre em si fazendo; e continuamente obtendo respostas várias a partir das situações nele vividas ou por ele geradas em seus participantes. A rua trabalhada, metodologicamente, foi sentida e apreendida, continuamente como uma aproximação. Como uma aproximação não em relação a uma composição estrutural, mas enquanto redes aproximativas que vão compondo e recompondo, de forma densa e tensa, como uma construção sempre em reformulação e novos formatos. Construção esta, mesclada de peças-repertórios, diversa e interpretativa dos múltiplos achados no seu interior.

O objetivo principal da minha ida a campo neste terceiro momento da pesquisa, neste sentido, foi o de, - ao aprofundar as relações entre os moradores e sua comunidade de afetos, - buscar narrativas que complementassem ou tensionassem sobre o como a rua em observação narraria o trágico acontecimento em que um amigo, assassina um amigo (considerado irmão), por um motivo considerado banal. Como os moradores da rua acompanharam o processo que levou até a situação limite geradora do sinistro?

¹¹ A noção de situação é definida, segundo Isaac Joseph (2000, p.10), lendo Goffman, em relação a um espaço-tempo actualmente decidido, no qual os compartes partilham ou controlam suas aparências, suas linguagens corporais e suas atividades. A ideia de situação, portanto, combina um espaço-tempo com as relações entre as pessoas e coisas, a partir de encontros interacionais onde a agencia dos personagens em cena e os cenários armados criam e recria códigos morais a partir de experiências vividas e experimentadas na troca intersubjetiva como cultura emotiva dada.

¹² Tradução livre de: “...distingue de lo que es privado por su capacidad de ser observado” (Gusfield, 2014, p. 287)

¹³ Tradução livre de: “el conjunto de personas, organizaciones e instituciones indirectamente afectadas por la percepción compartida de consecuencias indeseables de una situación problemática, y que se involucran para intentar dilucidarla y resolverla” (Cefaï, 2014, p. 22).

A partir desta questão principal, outras emergiram no processo, como as que se debruçaram sobre qual o significado e o papel do rumor entre os moradores da rua nos momentos críticos e de crise social o grupo? Até onde o outro morador teria o direito de excluir os demais em uma crise pessoal ou familiar experienciada? Até onde um simples comentário poderia ser entendido como uma falta de respeito pessoal por aquele a quem o comentário foi dirigido? Até que ponto um simples bom dia dado e não respondido pelo outro a quem foi dirigida a saudação era vivido como uma crise pelo que foi alvo da evitação ou da não resposta à saudação?

Entre outros questionamentos que refletiam sobre qual a lógica da informação invisível, - feita através do olhar ou pelos rumores e da evitação do outro, - presentes na tentativa dos moradores de não se mostrarem sabedores do problema ou crise pessoal ou familiar, ou de respeitarem o silêncio daqueles que por ele passavam, ou o seu contrário, como entender a mágoa do encobrimento das crises pessoais em relação aos demais comunitários? Ou ainda, como chegar ao outro para se demonstrar sabedor de um problema ou crise vivida por este outro ou seus familiares ou próximos, sem se passar por “enxerido”, “fofoqueiro” ou “intrometido”? Como, a despeito de toda a lógica tensional manter a comunidade de afetos como um monumento a ser cultivado, apesar de todas as mágoas e de todas as situações problemáticas por quais passaram e continuavam a passar no decorrer dos anos? - como no evento trágico que estremeceu as duas famílias e a comunidade de afetos e encheram de perguntas, de justificativas, de acusações mútuas e de desculpas os demais moradores da rua.

Foram estas perguntas compreensivas e outras tantas que emergiram direta ou indiretamente no trabalho de campo que a terceira entrada em campo almejou abranger. Foram estas situações cotidianas de acompanhamento do outro relacional, de forma corriqueira e até afetiva, que se quis remontar, e nelas verificar o reservatório de tensões e de sofrimentos vividos pelos relacionais desta comunidade de afetos, no jogo engolfado de partilhamento e respeito em que todos se exercitavam, gerando ou beirando a sentimentos de quebra de confiança, de exclusão ou de invasão e intromissão “onde não se é chamado”, pelo outro relacional¹⁴.

O problema do controle e da intensa vigilância pela pessoalidade das relações foi o mote principal de verticalização do olhar sobre a comunidade de afetos construída e experimentada por décadas na rua trabalhada. Teve como ponto de corte temporal a situação limite provocada pelo assassinato de um dos rapazes da rua pelo seu melhor amigo, também morador da rua.

*

A pesquisa etnográfica pretendeu dar um mergulho no material gerado pela pesquisa *MC* em seus diversos momentos aproximativos de uma rua popular da cidade de João Pessoa e, especificamente, a partir do seu subprojeto intitulado *Morte entre amigos*. Esta imersão visou compreender as relações interacionais da comunidade de afetos formada nesta rua, os dispositivos morais e suas aplicações práticas, os seus entroncamentos e engolfamentos cotidianos, as suas lógicas de pertença, as tensões resultantes do não se sentir incluído e, portanto, não confiável, nos problemas pessoais e familiares de um morador, ou o seu contrário, do sentimento de invasão nas crises pessoais e familiares pela comunidade, de uma forma direta ou indireta. Busca se

¹⁴ Ver, por exemplo, para efeito comparativo, da comunidade de afetos da rua trabalhada, com a lógica de companheirismo e de pertencimento em um grupo de jovens da periferia de João Pessoa, analisado no subprojeto intitulado *O Vínculo Ritual*, em Koury (2006).

aprofundar compreensivamente, de tal modo, nos prazeres e nas dificuldades inerentes à lógica da intensa pessoalidade vivida na comunidade de afetos da rua.

Este estudo está situado, como já mencionado, no interior do projeto *MC* na compreensão da experiência de medos corriqueiros e na composição e remontagem de sociabilidades na cidade de João Pessoa (Koury, 2008; 2017). O terceiro momento do trabalho de campo, inserido no caminho teórico-metodológico da pesquisa guarda-chuva *MC*, igualmente, não tomou por objeto os grandes medos como base analítica, mas sim, os medos corriqueiros e as experiências emocionais e morais nas situações produzidas nos jogos relacionais cotidianos e suas vulnerabilidades.

Partiu deste modo de uma ampla definição simmeliana de sociedade. Para Simmel (1908, p. 3-4), assim,

...[a] sociedade existe onde vários indivíduos interagem. Esta interação surge sempre a partir de certos impulsos... ou por causa de um propósito definido. Os impulsos [ao outro], os propósitos de defesa ou ataque, de vicissitudes, de aquisição, de assistência, bem como de instrução e inúmeros outros possibilitam aos homens estar juntos, trabalhar uns para os outros, trabalharem juntos, [ou] atuarem uns contra os outros, ou a entrarem em convivência mútua, isto é, de transferir efeitos sobre os demais homens e receber os efeitos deles em si. Essas interações significam que os portadores individuais desses impulsos e fins se tornem uma unidade, se tornem uma *sociedade*¹⁵.

Simmel analisa a sociedade como um jogo interacional no interior de situações diversas que abrem alternativas várias às ações entre os indivíduos presentes ao ato interativo, ou situação. O que possibilita a esses indivíduos, na troca comunicacional, responderem e transmitirem impulsos emocionais que os achegam ou os afastam, mas que os fazem dependentes uns dos outros, e que só se encontram como pessoas nessa tensão emocional do encontro social.

É esse compartilhar tenso que fundamenta a socialidade, enquanto cultura emotiva de busca e achego ou afastamento do outro, e que monta alternativas e trajetórias que dão origem a sociabilidades e produzem moralidades que permitem união, que erigem sociedades e suas reações internas e externas a outras sociabilidades e moralidades consideradas divergentes. Sempre como um jogo tensional entre sentimento de pessoa, e de pertencimento a um lugar, tanto quanto, de sufoco e medos.

A sociedade em que se situa o olhar do pesquisador é vista, assim, enquanto instância micro de relações entre indivíduos, e as situações sociais onde as justificações e as formas de enfrentamento montam e remontam teias de significados no interior de alternativas possíveis para o acionamento de propostas e proposições que permitam a busca de consenso e a continuidade do jogo relacional. Parte, portanto, da noção simmeliana de sociedade como sociação e sociabilidade e da noção de situação, elaborada por Thomas & Thomas (1928, p. 571-572), cuja definição informa que se as pessoas definem certas situações como reais, elas são reais em suas consequências.

¹⁵ Tradução livre de: "...Gesellschaft aus dass sie da existiert, wo mehrere Individuen in Wechselwirkung treten. Diese Wechselwirkung entsteht immer aus bestimmten... Trieben... heraus oder um bestimmter Zwecke willen. Triebe, Zwecke der Verteidigung wie des Angriffs, des Spieles wie des Erwerbes, der Hilfeleistung wie der Belehrung und unzählige andere bewirken es, dass der Mensch in ein Zusammensein, ein Füreinander-, Miteinander-, Gegeneinander-Handeln, in eine Korrelation der Zustände mit andern tritt, d. h., Wirkungen auf sie ausübt und Wirkungen von ihnen empfängt" (Simmel, 1908, p. 3-4).

No jogo relacional que mobiliza uma situação social dada, destarte, em uma conjuntura moral delimitada, os atores envolvidos no agenciamento de alternativas relacionais e comunicacionais configuradas nesta situação, se apresentam e se conformam sempre de forma tensa e ambivalente. E, nesse ambiente onde se desenvolve o jogo interacional, buscam definir a situação (Thomas, 1923, p. 42) em que se encontram. O que permite um desenvolvimento compreensivo das alternativas viáveis à busca de um retorno à normalidade normativa.

Nesta busca de alternativas viáveis, as interpretações de uma situação em processo causam a ação. Para Thomas (1923, p. 42),

preliminar a qualquer ato de comportamento autodeterminado há sempre uma etapa de exame e deliberação que podemos chamar de *definição da situação*. E, na verdade, não apenas os atos concretos dependem da definição da situação, mas, gradualmente, toda uma política de vida e a personalidade do próprio indivíduo em si... estão em processo permanente de auto-avaliação, em cada situação em que se encontre envolvido e que precise situar-se e agir¹⁶.

O processo social, do mesmo modo, é visto neste trabalho a partir de uma ótica interacionista. Ótica esta que alude a ideia, como informa Becker (2009, p. 62) de um ponto de vista meadiano, não a “uma interação imaginada de forças invisíveis ou um vetor estabelecido pela interação de múltiplos fatores sociais, mas [como] um processo observável de interação simbolicamente mediada”¹⁷.

Para Thomas (1923) e Thomas & Znaniecki (1918), as interpretações não são objetivas, e as ações são afetadas por percepções subjetivas nas trocas entre atores no jogo relacional configuracional de cada situação experienciada. Qualquer definição de situação, por conseguinte, influencia o presente dos indivíduos e grupos nela envolvidos, de forma sempre tensional (Thomas, 1923, p. 42). Porém, igualmente, funciona também como busca de reposicionar as interpretações para o interior de uma normalidade normativa capaz de proporcionar um reequilíbrio mesmo que sempre frágil (Elias, 1994) das forças no jogo relacional em processo, como uma espécie de consenso mínimo que permita a continuidade da situação experienciada.

Este consenso mínimo, frágil, conforma a normalidade normativa de uma situação e ergue arcabouços emocionais e morais que perfazem uma cultura emotiva e um sentimento de pertença entre os atores e grupos nela envolvidos. Neste cotidiano emergido da situação em consenso mínimo se estabelece entre os atores um sentimento de reconhecimento mútuo que orienta as regras e normas de conduta e ação individual e dos pares relacionais, localizando os indivíduos, e seus pares em relação, como pertencentes a uma dada cultura emotiva e participando de todo um conjunto de expectativas morais e identitárias que os fazem se sentir como um *nós*.

No cotidiano surgido da situação em consenso mínimo, os atores vivenciam uma sensação de proteção pelos pares em apoios mútuos, e um sentimento de aceitação e de compreensão dos sentidos irmanados na ação comum e individualizada. No cotidiano tudo se encontra referido a um sentido, onde os indivíduos se sentem acolhidos.

¹⁶ Tradução livre de: “Preliminary to any self-determined act of behavior there is always a stage of examination and deliberation which we may call the definition of the situation. And actually not only concrete acts are dependent on the definition of the situation, but gradually a whole life- policy and the personality of the individual himself I follow from a series of such definitions” (Thomas, 1923, p. 42).

¹⁷ Tradução livre de: “An imagined interplay of invisible forces or a vector made up of the interaction of multiple social factors, but [as] an observable process of symbolically mediated interaction”. (Becker, 2009, p. 62)

Quando, porém, não é mais possível o equilíbrio ténue na rede relacional em jogo em uma situação, a possibilidade de dar continuidade a experiência se fragiliza, e muitas vezes se rompe, e a normalidade normativa se vulnerabiliza e, às vezes, é quebrada. O que dá origem a uma nova situação. Situação agora tensa, traumática, conflitual, onde as partes em troca vivenciam um sentimento de fracasso moral e uma espécie de ruptura às normas morais de conduta e de sentidos de reconhecimento do outro pelo outro, e de pertencimento (Jaspers, 1974).

A situação em processo de definição e atribuição de significados morais e consensuais de continuidade se vê como que atingida por um ato extraordinário¹⁸. Ato que apanha os atores de surpresa, modifica as suas relações e os faz sair do cotidiano em busca de uma restauração do 'bem viver' e de dar continuidade a este mesmo cotidiano, agora fragmentado pela ação violenta que os afetou não apenas como indivíduos, mas como pessoas em troca relacional.

A ruptura nas relações e a procura de restauração da situação atingida por um relampejo, contudo, se vê mesclada por justificações, por desculpas, por acusações e por formas assumidas de construções morais e de concepções do justo e do 'bem'. Assim como de interpretações possíveis da nova situação e do gerenciamento das alternativas apresentadas para a sua nova montagem ou para a tecelagem de uma nova situação.

Este momento é chamado por Karl Jaspers (1974) de situação limite. Jaspers chama de situações limites, portanto, as situações sentidas, experimentadas e pensadas sempre nos limites da existência (Jaspers, 1967, p. 302). As situações limites, então, para Jaspers, são situações inalteráveis. São como um muro em que se esbarra e nada há a fazer, e nas quais não há mais saída para a coerência. Todo o sentido perece, e fica apenas a sensação pessoal de fracasso (Jaspers, 1932, v. 2, p. 178).

Karl Jaspers, dentro de uma linguagem existencialista, denota nas situações vividas por um indivíduo os elementos definidores de situações limite. Neste trabalho, contudo, a situação limite é entendida, através de uma ótica interacionista, como o vínculo engolfado de relações que se estabelece após a ultrapassagem moral de uma situação limite dada, em que os atores sociais envolvidos se encontram na iminência da produção de ofensas e transgressões morais.

De acordo com Goffman (2014) as situações limites produzem situações de crise. Situações de crise estas em que atores vulnerabilizados necessitam confirmar a realidade onde a situação se passa, de um modo mais explícito e intenso e, de modo simultâneo, com um aumento das emoções vergonha e medo, ou do não saber o que fazer e como agir. O que os leva a um estado de espera, de rejeição da situação e a descoberta do engodo em que se encontra junto aos outros relacionais perante os elementos dispostos em cena e de que não têm controle.

O engolfamento das relações, assim, segundo Scheff (2016), reduz as capacidades cognitivo-expressivas e as possibilidades de ação de cada ator social mediante o constrangimento do self individual na situação de embaraço do grupo em que foi subsumido, e cujas faces ou fachadas, coletivas e individuais, se encontram ameaçadas. As emoções e, nesse sentido, os vínculos sociais e morais que formam e informam os sentimentos, são resultados de negociações tensas e indeterminadas, em

¹⁸ Por ato extraordinário se entende a ação social cujo sentido extrapola, em suas consequências, as expectativas de uma normalidade normativa dada. O ato extraordinário desorganiza, neste sentido, o sistema social de posições e de classificações morais, gerando espaços interacionais liminares e um enorme desconforto moral e emocional para os atores envolvidos. O ato extraordinário, quando definido como elemento de vergonha-desgraça, implica na perda da fachada que organiza o fluxo interacional em um evento social qualquer.

que desponta o caráter transintencional e situado da ação e a natureza contingente e assimétrica da comunicação de conteúdos sociais pelos indivíduos em interação.

Estes aspectos problemáticos da interação são definidos por Goffman (2011) como vulnerabilidades interacionais. Goffman aponta para o caráter dúbio da vergonha e do constrangimento social: os termos “pessoa de vergonha” e “pessoa sem vergonha” aparecem como expressões que indicam a vergonha não somente como limitação à ação legítima, mas também como aptidão do ator social para o jogo interacional. Nas palavras de Goffman (2011, p. 17): “ao entrar numa situação em que recebe uma fachada para manter, essa pessoa assume a responsabilidade de vigiar o fluxo de eventos que passa diante dela. Ela precisa garantir que uma ordem expressiva particular seja mantida...”.

O autor discorre, ainda, sobre o desconforto da copresença e sobre o custo emocional e social das expectativas morais projetadas na interação nos seguintes termos: “acima de tudo, o constrangimento tem a ver com a figura que o indivíduo representa diante dos outros considerados presentes naquele momento. A preocupação crucial é a impressão que se dá sobre os outros no presente...” (Goffman, 2011, p. 96). Neste sentido, Goffman discorre sobre um vocabulário próprio de situações de constrangimento. Situações estas em que o *Eu* está presente, mas não em “jogo”, em razão da quebra de expectativas morais em relação aos demais *Eus* no jogo.

É esta situação de quebra de expectativas morais que constitui, para Goffman, uma situação traumática. As vulnerabilidades interacionais apontam assim para a necessidade constante de administração das situações de constrangimento. Situações de constrangimento estas em que transgressões de fronteiras e hierarquias sociais e do sistema de posições, - tais como status/papel e prestígio/desempenho, - podem ocasionar a perda da fachada dos atores sociais envolvidos em uma ordem moral, expressiva e emocional dadas.

Goffman (2012) é enfático ao tratar da situação social e do self em jogo como elementos constitutivos da fachada enquanto princípio organizacional do tráfego social, constituindo um mundo emocional e moral frágil, reiteradamente construído. A situação social, para Goffman, - enquanto classe de eventos caracterizada pela copresença de atores sociais, brevidade temporal, limitação espacial, materiais comportamentais e ações reciprocamente orientadas no contexto de turnos de fala, ocasiões, ajuntamentos e intercâmbios sociais ritualmente iniciados e concluídos, - se organiza deste modo como ordem normativa, expressiva e comportamental e como fluxo de conteúdos sociais acomodados na forma situacional.

Na situação social, portanto, a linha que o ator social constrói com o outro para si enquanto padrão interacional estabilizado do *eu*, assim como a fachada que reivindica como valor social positivo a partir dos atributos sociais de sua linha, podem ser entendidos como elementos do *Eu* socialmente integrado. Em um contexto engolfado de relações, contudo, a interação cotidiana se apresenta como potencialmente afetada por ocasiões de aguda vulnerabilidade, fragilidade, desentendimentos e ameaça de quebras de confiança, podendo gerar situações problemáticas, situações limite e traumas que fogem ao controle dos atores em jogo comunicacional e paralisam o tráfego social.

A experiência traumática, uma vez estabelecida como memória e ressentimento pela quebra de vínculos sociais, pode desatar em um processo de apropriação moral do evento classificado como crítico e responsável pela desordem moral experimentada. Neste espaço traumático de interações desponta a força das relações estabelecidas onde, no caso estudado, a comunidade de afetos desponta como uma espécie de empreendedor moral (Becker, 2008), como um catalisador de ações impositivas de um projeto moral a partir de uma leitura e definição da situação vista como problemática. A situação limite

e o trauma produzem, assim, elementos para a própria recomposição moral da normalidade normativa quebrada: abrindo um leque de oportunidades que permite ao empreendedor moral o uso político, econômico, social ou moral oportuno de seus recursos para fins da empreitada moral a que se propõe.

Goffman enfatiza a ligação emocional que o self desenvolve em relação à sua fachada, entendida como o compromisso de manter reputações em torno de status, papel e prestígio, de direitos e obrigações, e de afirmar e preservar desempenhos e sensibilidades identitárias. A face como constructo derivado das regras do jogo e das definições da situação, atravessa a subjetividade e se localiza difusamente no fluxo de eventos do encontro social, ou seja, no espaço simbólico entre os selves, de modo que somente pode ser confirmada e reconhecida pelo outro relacional em um exercício de reciprocidade.

O constrangimento recíproco, ou a vergonha cotidiana (Goffman, 2011; Scheff, 2016), é o elemento emocional fundamental da ordem moral, regulando a ordem expressiva e emocional possível. A relação linha – fachada, com efeito, aponta para a noção goffmaniana de social como sistema de expectativas, em que a confiança em si e no outro relacional, derivada da confiança nas regras do jogo, é o operador básico de uma sintaxe interacional perpassada por vulnerabilidades, riscos e patologias próprias da interação.

Os selves em interação respondem aos riscos dos encontros sociais com estratégias de manter a ordem moral em fluxo, ou seja, de preservar a fachada como princípio organizador da interação. Os atores sociais, assim, se mostram orgulhosos, honrados e dignos em relação à fachada que sentem como propriedade do self, muito embora esta seja um empréstimo ao indivíduo e uma forma de coerção e controle do social.

Em síntese, Goffman compreende a interação como um ritual autorregulador, autorreferente e recíproco, que emerge como precipitado da própria experiência intersubjetiva, sempre contingente, arriscada e perigosa. A estrutura do self, com efeito, é resultado da relação de interdependência entre linha – fachada, sendo a preservação da fachada o princípio fundamental da ordem interacional e o dever de defender o self, portanto, um dever sagrado para o ator social.

Nas palavras de Goffman (2011, p. 49):

A natureza humana universal não é uma coisa muito humana. Ao adquiri-la, a pessoa se torna uma espécie de construto, criada não a partir de propensões psíquicas internas, mas de regras morais que são carimbadas nela externamente. Essas regras, quando seguidas, determinam a avaliação que ela fará sobre si mesma e sobre seus colegas participantes no encontro, a distribuição de seus sentimentos, e os tipos de práticas que ela empregará para manter um tipo especificado e obrigatório de equilíbrio ritual.

O social, nesta perspectiva, só se faz possível na interação de atores ou agentes sociais autorreguladores. Ou seja, na interação de atores ou agentes sociais que constroem moral e emocionalmente a si e ao outro, produzindo culturas emotivas e códigos de moralidade, nos encontros sociais. Este self que desponta como um jogador, no jogo ritual de interações, se organiza também como imagem de si para o outro e para si, como narrativa de reputações e memória, como linha e face individual.

É neste sentido que a amizade que alimenta a história natural da comunidade de afetos da rua trabalhada, - enquanto instância que requer personalidade intensiva, - é um processo intersubjetivo gerador de códigos de moralidade e de culturas emotivas de fácil vulnerabilidade. É um processo que se caracteriza por um vínculo social de fortes

exigências morais, porque fundado na liberdade individual, na lealdade, na confiança e na partilha de segredos e de intimidades (Koury, 2014). Este *Nós* relacional constitutivo do vínculo social, assim, conforma *individualidades em tensão*, em um jogo de mostrar-se e esconder-se do outro que define formas e limites da ação, ou seja, uma normalidade normativa que se expressa em comportamentos esperados.

As expectativas morais criadas na conformação do vínculo social assim são aprofundadas por estratégias de controle de si e do outro, bem como por práticas punitivas de envergonhamento e amedrontamento do outro relacional. Uma vez que as ofensas e transgressões morais são produzidas, - ou assim imaginadas, - no fluxo transintencional e tenso do jogo interacional, a situação traumática se apresenta para cada ator social envolvido como uma sensação de vergonha-desgraça (Scheff, 1990). Ou seja, como a presentificação de uma memória e de uma narrativa que pode vir a findar na destruição do vínculo social, da fachada do grupo e dos selves individuais.

A situação traumática pode ser reconhecida então no entrenchamento moral e nos sentimentos de humilhação e ressentimento que cada relacional desenvolve em relação ao contexto interacional. O trauma se desdobra em um processo de falência moral em que semelhanças e dessemelhanças identitárias se confundem em um jogo ressentido de desculpas de si e de acusação do outro.

O ressentimento, assim, se configura como uma experiência dolorosa de rebaixamento moral acentuado, que remete a uma temporalidade recursiva causadora de assombrações, ironias e aforismos agressivos vividos na experiência da vergonha-desgraça e na fraqueza a ela subsequente. O ator social ressentido, neste sentido, se encontra em uma situação de engolfamento aprofundado resultante de um trauma, injustiça, quebra de confiança e vergonha-desgraça que desorganiza seu espaço de relações e, conseqüentemente, sua capacidade de narrar o passado e de projetar o futuro.

O trabalho de campo nos seus segundo e terceiro momentos perscrutou, através da antropologia das emoções e da moralidade, como o crime e sua respectiva apropriação moral transmutaram as relações sociais e individuais de sujeitos envolvidos na sua composição, enquanto aspecto singular e extraordinário da vida cotidiana. Para tal, buscou descortinar a trama de aspectos intersubjetivos e emocionais montada na rua, universo de observação, em suas atuações prévias e no ato seguinte ao homicídio.

Buscou, de modo igual, perceber como se deu a remontagem das relações sociais no retorno da normalidade normativa do cotidiano, e na reconstrução de vínculos pessoais e sociais entre familiares do morto e do assassino e as demais famílias afetadas que compõem a comunidade de afetos do lugar. Procurou perceber também como foi vivido o processo que gerou a situação limite na relação entre o agressor e a vizinhança, para analisar como as práticas e percepções morais trabalharam nessa rede de emoções complexas no interior de uma cultura emotiva dada: a comunidade de afetos de uma rua popular da cidade de João Pessoa, Paraíba.

Referências

- Barbosa, Raoni Borges. Os conceitos de medos e medos corriqueiros na Antropologia e na Sociologia das Emoções de Koury. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 13, n. 39, p. 302-321, 2014.
- Becker, Howard. The life history and the scientific mosaic. In: *Sociological work: Method and substance*. (p. 63-74), New Brunswick: Transaction Publishers, 2009.
- Becker, Howard. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- Berger, Peter e Thomas Luckmann. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1985.

- Boltanski, Luc. *El amor y la justicia como competencias: tres ensayos de sociología de la acción*. Buenos Aires: Amorrortu, 1990.
- Boltanski, Luc e Laurent Thévenot. *De la justification: les économies de la grandeur*. Paris: Gallimard, 1991.
- Cefaï, Daniel. Investigar los problemas públicos: con y más allá de Joseph Gusfield. In: Joseph R. Gusfield. *La cultura de los problemas públicos. El mito del conductor alcoholizado versus la sociedad inocente*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, p. 11-58, 2014.
- Elias, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- Goffman, Erving. Sobre o resfriamento do *marca*: alguns aspectos da adaptação ao fracasso. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v.13, n.39, p. 266-283, 2014.
- Goffman, Erving. *Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- Goffman, Erving. *Rituais de interação. Ensaio sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- Goffman, Erving. A elaboração da face. In: Sérvulo Auguto Figueira (Org.). *Psicanálise e Ciências Sociais*, (p. 76-114). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.
- Gusfield, Joseph R. *La cultura de los problemas públicos. El mito del conductor alcoholizado versus la sociedad inocente*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2014.
- Jaspers, Karl. *Die Schuldfrage: Von der politischen Haftung Deutschlands*. [A questão da culpa: a partir da responsabilidade política da Alemanha]. München: Piper, 1974.
- Jaspers, Karl. *Psicología de las concepciones del mundo*. Madri: Editorial Gredos, 1967.
- Jaspers, Karl. *Philosophie*. 3 vols. Berlin: J. Springer Edit, 1932.
- Joseph, Issac. *Erving Goffman e a microssociologia*. Rio de Janeiro: EdFGV, 2000.
- Katz, Jack. Uma teoria dos massacres íntimos: passos para uma explicação causal. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 16, n. 46, p. 23-42, abril de 2017.
- Koury, Mauro Guilherme Pinheiro. *Uma comunidade de afetos. Etnografia sobre uma rua de um bairro popular na perspectiva da Antropologia das Emoções*. Curitiba: Appris, 2018.
- Koury, Mauro Guilherme Pinheiro. *Etnografias urbanas sobre pertencas e medos na cidade. Estudos em Antropologia das Emoções*. Coleção Cadernos do GREM, n.11. Recife: Edições Bagaço; João Pessoa: Edições do GREM, 2017.
- Koury, Mauro Guilherme Pinheiro. *Estilos de Vida e Individualidade: Escritos em Antropologia e Sociologia das Emoções*. Curitiba: Appris, 2014.
- Koury, Mauro Guilherme Pinheiro. *De que João Pessoa tem medo? Uma análise a partir da antropologia das emoções*. Série de livros Cadernos do GREM n. 6, João Pessoa: EdUFPB/Edições do GREM, 2008.
- Koury, Mauro Guilherme Pinheiro. *O Vínculo Ritual: Um estudo sobre sociabilidade entre jovens no urbano brasileiro contemporâneo*. João Pessoa: Editora Universitária, 2006.
- Koury, Mauro Guilherme Pinheiro. Medos corriqueiros: em busca de uma aproximação metodológica. *Cronos*, v. 3, n. 1, p. 94-101, 2002.

Koury, Mauro Guilherme Pinheiro. *Medos corriqueiros: A construção social da semelhança e da dessemelhança entre os habitantes urbanos das cidades brasileiras na contemporaneidade*. Projeto de Pesquisa, GREM: João Pessoa, 2000.

Koury, Mauro Guilherme Pinheiro; Raoni Borges Barbosa. Violent action among friends: an ethnographic reflection on processes of moral and emotional perceptions and justifications of conduct. In: *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, v.14, n.3, 2017.

Koury, Mauro Guilherme Pinheiro; Raoni Borges Barbosa. Ação violenta entre amigos: reflexão etnográfica sobre processos de percepções e justificações morais e emocionais de condutas. *Anais do 40º Encontro Anual da ANPOCS, ST32*, Caxambu: 24 a 28 de outubro de 2016.

Park, Robert E. A História Natural do Jornal. *Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia*, v.1, n.2, p. 33-44, 2017.

Scheff, Thomas. A vergonha no self e na sociedade. In: Mauro Guilherme Pinheiro Koury e Raoni Borges Barbosa (orgs.). *Vergonha no self e na sociedade: Sociologia e a antropologia das emoções de Thomas Scheff*, p. 63-109. Recife: Ed. Bagaço; João Pessoa: Edições do GREM, 2016.

Scheff, Thomas. *Microsociology: discourse, emotion and social structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

Schütz, Alfred. *Sobre fenomenologia e relações sociais*. Petrópolis: Vozes, 2012.

Simmel, Georg. Das Problem der Soziologie. *Soziologie. Untersuchungen über die Formen der Vergesellschaftung*, p.1-31. Berlin: Duncker & Humblot, 1908.

Thomas, William Isaac. The unadjusted girl: with cases and standpoint for behavior analysis. Boston: Little, Brown and Company, 1923.

Thomas, William Isaac; Dorothy Swaine Thomas. *The child in America: Behavior problems and programs*. New York: Knopf, 1928.

Thomas, William Isaac; Florian Znaniecki. *The polish peasant in Europe and America. Monograph of an immigrant group*, v. 1. Boston: The Gorham Press, 1918.